

A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Marcela Bortotti Favero¹

Rafael Thiago Cezarin²

O meio empresarial depende do conhecimento que é gerado pela academia, este é o principal elo entre estes dois mundos, e o mais delicado. Muito questiona-se se o universo acadêmico tem entregue conhecimentos efetivos ao mercado, ou seja, se o que é produzido consegue ser aplicado na sociedade. Temática relevante e que provoca um debate caloroso, afinal, é responsabilidade de academia prover ferramentas ao mercado ou para além disso, formar profissionais reflexivos que questionem o mercado e provoquem mudanças quando necessário. Para dar suporte a esse tipo de discussão, o presente artigo tem como intuito discutir o que é conhecimento e apresentar as principais metodologias qualitativas que auxiliam na busca pelo mesmo. Ressalta-se neste ponto que a academia não é o único ator responsável pela produção de conhecimento, mas sim o ator que segue com mais rigorosidades os procedimentos metodológicos, e isso, afere credibilidade aos resultados.

O universo acadêmico concentra grande parte do seu esforço na produção de conhecimento científico, ou seja, crenças verdadeiras justificadas (ZAGZEBSKI, 2008), e neste caso, a justificativa se dá através do rigor metodológico pelo qual o resultado foi alcançado. Assim sendo, o pesquisador pode optar por alguns caminhos para desenvolvimento de suas pesquisas: métodos quantitativos ou qualitativos, ou a combinação destes.

Os métodos quantitativos apresentam historicamente uma maior aceitação junto a comunidade de pesquisadores *mainstream*, o que significa que os mesmos são aceitos mais facilmente em periódicos, e como essa é a grande moeda no universo acadêmico, muitos pesquisadores optam por esta metodologia, ou invés de definir o método com base no problema de pesquisa e abordagem do estudo. Bluhm et al (2010) destacam o progresso da pesquisa qualitativa e ressaltam que a mesma apresenta resultados mais interessantes. E neste

¹ Doutora em Administração (UEM).

² Mestrando em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação (UEM).

sentido, nota-se uma incongruência entre as atividades que a academia desempenha e a efetividade de seus resultados, afinal, se as pesquisas mais aceitas são as quantitativas porque os melhores resultados não são provenientes das mesmas?

Neste sentido, torna-se oportuno entender quais aspectos da pesquisa qualitativa permitem que a mesma alcance resultados mais relevantes em relação a aspectos teóricos. O ensaio está fragmentado na análise de pontos da pesquisa qualitativa em três momentos, inicialmente de apresenta-se a análise da abordagem qualitativa, e em seguida optou-se e destacar características de dois métodos: etnografia e *grounded theory*.

A pesquisa qualitativa implica em uma maior aproximação entre pesquisador e objeto de estudo, intimidade a qual permite a emergência de achados não expostos e por isso, interessantes. Bansal e Corley (2011) e Barley (2006) destacam que o sucesso da pesquisa qualitativa está atrelado com o envolvimento do pesquisador e a conversação entre ele e os dados e na reflexividade do mesmo; para isso justificam a flexibilização dos métodos, a sensibilidade e a criatividade, dentro de limites de princípios gerais. Os autores também ressaltam a importância da construção de teorias como resultado de pesquisas (SUTTON, STAW, 1995; WEICK, 1995; KILDUFF, 2007), e neste sentido ressaltam que referências, dados, listas de variáveis, diagramas e hipóteses não são teorias. A teoria pode ser compreendida como um processo de abstração, demandando esforço e tempo do pesquisador (WEICK, 1995).

O método etnográfico apresenta algumas contribuições relevantes, como a imersão do pesquisador no campo, o que permite a identificação e compreensão de práticas que com outros métodos mais rápidos não seriam apreendidas e uma análise com maior profundidade. Este processo é caracterizado pelas anotações das notas de campo (WOLFINGER, 2002), que permitem a condução da análise posteriormente e pela presença de múltiplas vozes no relato final, ou seja, diferentes perspectivas (WEBER, 2009; FINE, MORRILL, SURIANARIAN 2009).

Em relação a *grounded theory*, um ponto fundamental desse método é a condução de planejamento de pesquisa, pesquisa de campo e análise continuamente e de maneira simultânea. Isso permite com que o pesquisador revise seus procedimentos metodológicos,

desde amostragem, a todo o momento; em busca de dados mais relevantes para a construção de seu modelo/teoria. Além disso, o método apresentou discussões e propostas interessantes para o campo, como a questão da amostragem teórica, que é selecionada com base nos pressupostos teóricos que precisam ser verificados; e o processo de codificação, como uma etapa fundamental do processo que permite ao pesquisador a abstração conceitual (HOLTON, 2007; MORSE, 2007; CHARMAZ, 2008).

A *grounded theory* transfere para o pesquisador a responsabilidade das escolhas metodológicas e ainda, a obrigatoriedade da busca de explicações para o fenômeno, e não apenas de descrição do mesmo. Os dados são analisados intensivamente e diversas vezes, o que estimula a postura reflexiva do pesquisador, sendo esta fundamental para a produção de bons resultados (HOLTON, 2007; HAYOE, 2012).

Muitos aspectos destacados aqui referente a pesquisa qualitativa poderiam ser extrapolados para outros métodos qualitativos e ainda quantitativos com o objetivo de estimular os pesquisadores na busca de melhores resultados de pesquisa, em especial: reflexividade e criatividade do pesquisador, seleção responsável de métodos e amostragem; porém os pontos de maior destaque estão relacionados com o contato do pesquisador com os dados, que seriam: processo de planejamento e análise dos dados constante e maior contato e exploração dos dados. Estes pontos nos levam a uma reflexão quanto o modelo padrão de pesquisa que temos replicado sem muitas vezes refletir, no qual grande parte do tempo é dedicado para planejamento e desenvolvimento da base teórica antes da entrada em campo do pesquisador, e posteriormente, devido a pressões de tempo e recurso, o mesmo acaba tempo pouco tempo para análise dos dados.

Para encerramento deste trabalho, convidamos você leitor a refletir sobre a possibilidade de utilização destes métodos nas rotinas e procedimentos da empresa, como por exemplo, para conhecer melhor seu público-alvo. Não seria as metodologias do universo acadêmico fundamentais para que o mercado promova conhecimentos com embasamento? Fica aqui nosso convite a ação!

REFERÊNCIAS

- BANSAL, P.; CORLEY, K. From The Editors - The Coming of age for Qualitative Research: embracing the diversity of qualitative methods. *Academy of Management Journal*, v.54, n.2, 2011.
- BARLEY, S. When I write my masterpiece: thoughts on what makes a paper interesting. *Academy of Management Journal*. V.49, n.1, 2006.
- BLUHM, D.; HARMAN, W.; LEE, T.; MITCHELL, T. qualitative Research in Management: a decade of progress. *Journal of Management Studies*, 2010
- CHARMAZ, K. Shifting the grounds. In.: MORSE, J. et al. **Developing Grounded Theory**. Walnut Creek, CA : Left Coast Press, 2008.
- FINE, G.A.; MORRILL, C.; SURIANARIAN, S. Ethnography in Organizational Settings. In.: BUCHANAN, D.; BRYMAN, A. *The Sage Handbook of Organizational Research Methods*. London : Sage, 2009.
- HAYHOE, S. **Grounded theory and disability studies**. Amherst, NY : Cambria Press, 2012.
- HOLTON, J. The coding process and its challenges. In.: BRYANT, A.; CHARMAZ, K. **The Sage Handbook of Grounded Theory**. London : Sage, 2007.
- KILDUFF, M. Editor's comments: The top ten reasons why your paper might not be sent out for review. *Academy of Management Review*, v. 32, n. 3, 2007.
- MORSE, J. Sampling in GT. In.: BRYANT, A.; CHARMAZ, K. **The Sage Handbook of Grounded Theory**. London : Sage, 2007.
- SUTTON, R.; STAW, B. What theory is not. *ASQ*, v.40, 1995.
- ZAGZEBSKI, L. O que é conhecimento? In.: GRECO, J.; SOSA, E. **Compêndio de Epistemologia**. São Paulo : Loyola, 2008.
- WEBER, F. Trabalho fora do trabalho. Rio de Janeiro : Garamond, 2009.
- WEICK, K. What theory is not, theorizing is. *ASQ*, v.40, 1995.
- WOLFINGER, N. On writing fieldnotes. *Qualitative Research*, v.2, n.1, 2002.